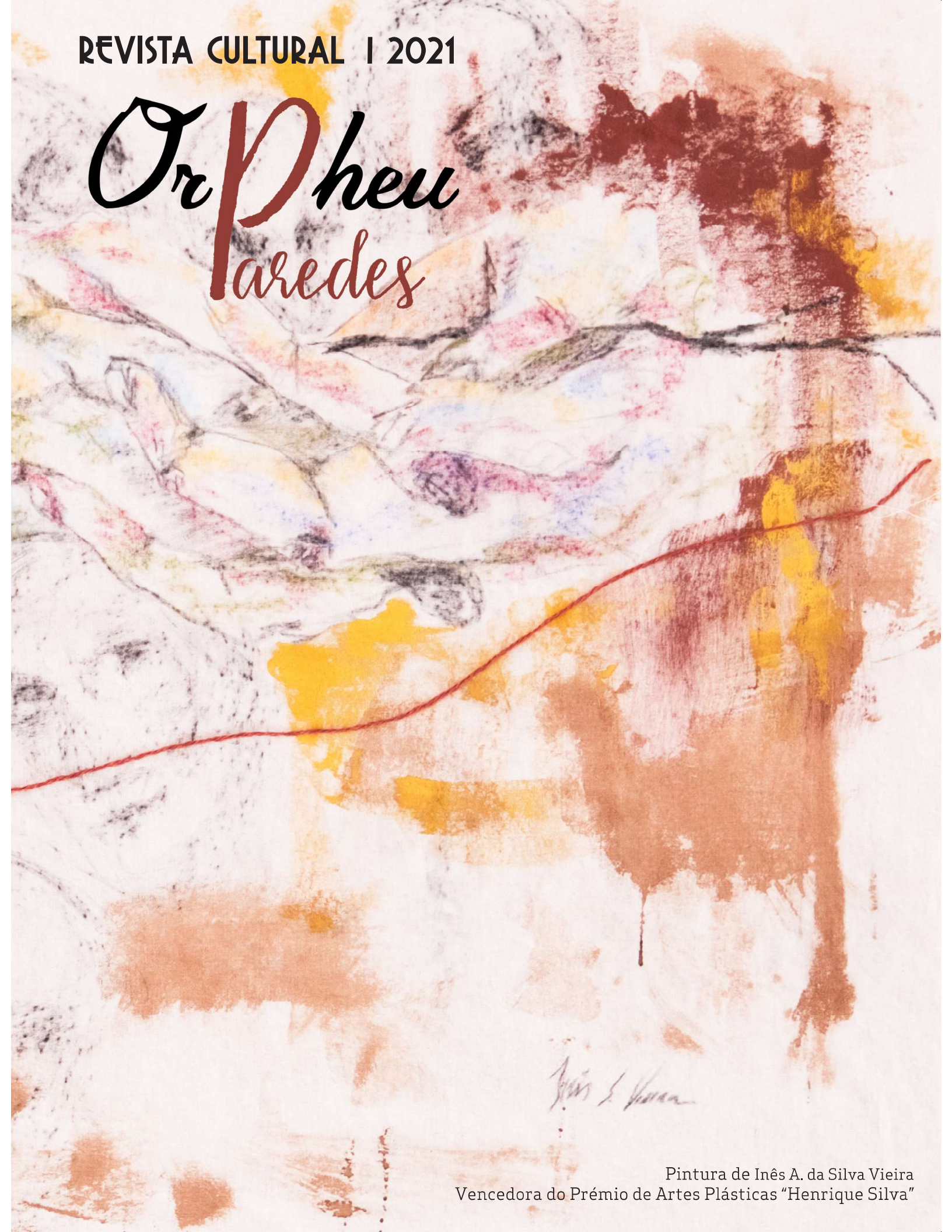


REVISTA CULTURAL | 2021

Orpheu laredes

An abstract painting featuring a complex composition of layered colors and textures. The palette includes earthy tones of ochre, sienna, and terracotta, interspersed with cooler hues of pale blue, lavender, and pink. A prominent, thin red line curves across the lower half of the image. The background is a mix of soft washes and more textured, almost calligraphic strokes. In the bottom right corner, there is a small, handwritten signature in dark ink.

Inês A. da Silva Vieira

Pintura de Inês A. da Silva Vieira
Vencedora do Prémio de Artes Plásticas "Henrique Silva"

CRONOLOGIA DO ROMÂNICO DE PAREDES

Joaquim Luís Costa, CERT – Centro de Estudos do Românico e do Território | Rota do Românico

CONTEXTO ARTÍSTICO

A arte românica surgiu em Portugal, nos finais do século XI, no âmbito da europeização da cultura peninsular. A liturgia romana, a reforma cluniacense e o estabelecimento das ordens religiosas de Cluny, dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, de Cister, e das ordens militares do Templo e do Hospital foram fatores relevantes dessa europeização (ROSAS 2010:13).

A expansão do românico coincidiu politicamente com o reinado de D. Afonso Henriques (1143-1185) (ROSAS 2010:13), concentrou-se geograficamente no noroeste e no centro de Portugal, sobretudo nas margens dos grandes rios, e ocorreu espacialmente com a estruturação das freguesias e a organização paroquial (ROSAS 2010:22). Ou seja, a difusão desta arte não correspondeu propriamente ao período da Reconquista Cristã (718-1492), embora tenha contribuído, mas sim à organização do território. Os bispos, as dioceses, os priores e os abades dos mosteiros foram dos principais encomendadores (ROSAS 2008:40).

O fator religioso contribuiu sobremaneira para a difusão da arte, sendo nesta área que encontramos os exemplos mais típicos, embora existam edifícios civis, profanos e militares (ROSAS 2010:16).

O românico perdurou em Portugal por tempos históricos em que o gótico era o estilo dominante. Este encontro artístico levou à edificação de imóveis híbridos, designados de românico da resistência. Neste aspeto merece atenção o românico do Vale do Sousa – que inclui os imóveis de Paredes – que se caracteriza por construções tardias, a partir do século XIII e que persistiram até finais do século XV ou inícios do XVI, como é o caso da Ermida de Nossa Senhora do Vale (ROSAS, 2008:51).

CONTEXTO CRONOLÓGICO

Este artigo reúne datas, desde a Idade Média até aos nossos dias, dos cinco monumentos românicos de Paredes que integram a Rota do Românico (RR).

A exposição de dados até à atualidade deve-se ao facto dos imóveis não serem estáticos temporalmente. Estes adaptaram-se às transformações sociais, políticas e religiosas que ocorreram no mundo, e em particular em Paredes, ao longo dos tempos: muitos imóveis tiveram obras, outros perderam utilidade, enquanto outros adquiriram novas funções. É neste contexto que devemos entender este estudo.

Deste modo, a cronologia inicia-se em datas anteriores ao românico, porque parte do património não foi construído durante esse período artístico, alicerçando-se em edifícios preexistentes. Depois, as sucessivas mutações sociais, políticas e religiosas promoveram (novas) alterações no património construído (ou reconstruído) na época românica. As idades Moderna e Contemporânea são exemplos. O Concílio de Trento (1545-1563), que

emanou uma nova doutrina Cristã, fomentou obras significativas nos espaços religiosos. A Comissão da Reforma Geral do Clero, baseando-se na Reforma geral eclesiástica e no Decreto de 30 de maio de 1834, procedeu à extinção das ordens religiosas, sendo os seus bens nacionalizados, vendidos ou abandonados. Já o século XX assistiu a um intenso programa de restauro de imóveis românicos, durante o Estado Novo, com o objetivo desse património voltar, genericamente, às origens medievais. Atualmente, a RR promove o desenvolvimento sustentado do território, através da valorização e conservação do património românico, criando um produto turístico e cultural de excelência.

CRONOLOGIA

Séc. IX Fundação do Mosteiro de Cête, segundo a tradição.
985, julho, 16 Existe em Cête uma basílica dedicada a São Pedro, enquanto o mosteiro está sob a proteção da família de Leoderigo Gondendes.

995 O Castelo de Aguiar de Sousa é tomado por “Almançor” (939-1002), governador de Al-Andalus (Península Ibérica).

Séc. XI (finais) Refundação do Mosteiro de Cête, atribuída a Gonçalo Oveques.

Séc. XII (1.º quartel) O Mosteiro de Cête adota a Regra de São Bento.

1121-1128 (entre) A condessa D. Teresa (1080-1130) concede carta de couto ao Mosteiro de Cête.

Séc. XIII (finais) / XIV (1.º quartel) Construção da abside da Capela da Quintã. Reedificação da igreja do Mosteiro de Cête.

Séc. XIV Construção de torre no Castelo de Aguiar de Sousa.

Séc. XIV (1.ª metade) Edificação da Torre dos Alcoforados.

Sécs XV-XVI (entre) Edificação da Ermida de Nossa Senhora do Vale.

Séc. XVI Construção de alpendre na Ermida de Nossa Senhora do Vale. Construção, ou reconstrução, incluindo o revestimento das paredes em azulejos mudéjares, da capela do refundador do Mosteiro de Cête.

Séc. XVI (início)-1551 O Mosteiro de Cête é governado por abades comendatários.

Séc. XVI (2.º quartel) Programas de pinturas murais na igreja do Mosteiro de Cête e na Ermida de Nossa Senhora do Vale.

1549 Por ordem do bispo do Porto, D. Frei Baltazar Limpo (1537-1550), os monges do Mosteiro de Cête organizam o inventário dos bens e propriedades do mosteiro.

1551 Por ordem de D. João III (1521-1557) o Mosteiro de Cête deixa de pertencer à Ordem Beneditina e é anexado ao Colégio da Graça dos Ermitas de Santo Agostinho, de Coimbra.

1566 Vivem dois monges beneditinos no Mosteiro de Cête que pedem a adesão do mosteiro à reforma beneditina.

1573 O Colégio da Graça dos Ermitas de Santo Agostinho



Capela de Gonçalo Oveques, refundador do Mosteiro de Cête.

toma posse efetiva do Mosteiro de Cête.

1584, outubro, 8 O 5.º Capítulo Geral da Ordem Beneditina, realizado no Mosteiro de Pombeiro (Felgueiras), nomeia um prior para o Mosteiro de Cête, apesar de estar na posse dos frades Agostinianos.

1613-1616 (entre) Morre o último monge beneditino a residir no Mosteiro de Cête.

1758 O Mosteiro de Cête encontra-se arruinado, restando apenas a igreja, com função paroquial, e instalações monacais para dois frades.

1834, junho, 26 Abertura do Livro dos Foros para inventariar os bens do Mosteiro de Cête, no decorrer da extinção das ordens religiosas.

1837, janeiro O edifício do Mosteiro de Cête (dormitórios, claustro, refeitório, cozinha e oficinas, exceto igreja e sacristia) e as suas terras do Passal são vendidos em hasta pública.

1839 Por ordem do Administrador do concelho de Paredes é efetuado novo inventário dos bens do Mosteiro de Cête, no decorrer da extinção das ordens religiosas.

1880-1882 Obras de restauro no Mosteiro de Cête, por iniciativa da Junta de Paróquia.

Séc. XX (1.ª metade) Restauro parcial da torre do Castelo de Aguiar de Sousa.

1910, junho, 16 Classificação da Igreja do Mosteiro de Cête como Monumento Nacional.

1929 Francisco Manuel Pereira de Mello Ferreira Pinto e Álvaro Leite Pereira de Mello Ferreira Pinto, no âmbito das obras de restauro no Mosteiro de Cête,



Ermida de Nossa Senhora do Vale: pormenor de pintura mural do século XVI.

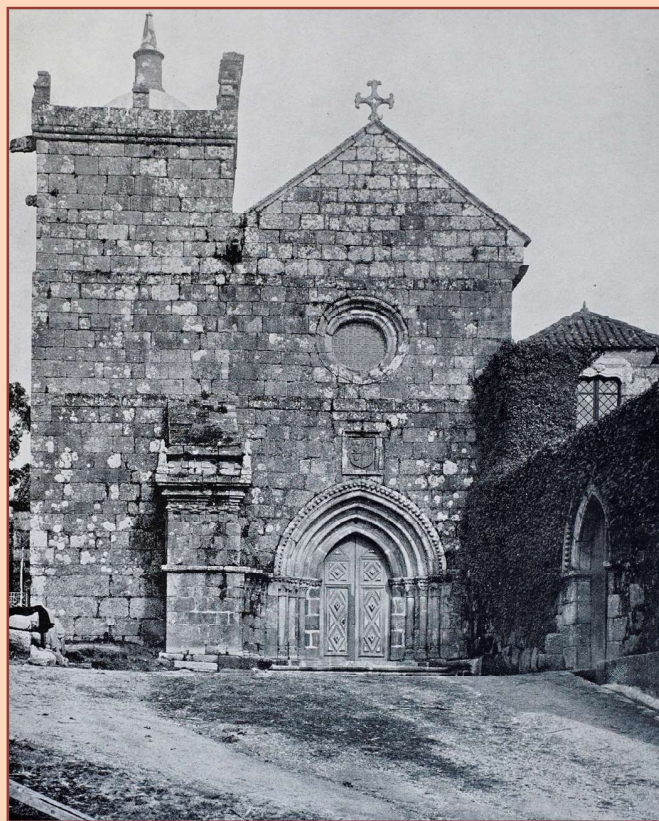
comprometem-se, de entre outras ações, a oferecer os vitrais para as rosáceas e para as seteiras da nave, completar a rosácea em pedra lavrada da fachada da igreja, ceder e repavimentar a antiga sala do capítulo, pertença da Quinta de Cête, para servir de sacristia, restaurar o claustro, pertença da Quinta, facultar ao clérigo e seus ajudantes a passagem entre a igreja e a sacristia e permitir visitas ao claustro.

1936 Obras de restauro no Mosteiro de Cête, sob a orientação da Direção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais.

1948-1953 Obras de restauro no Mosteiro de Cête.

1950, janeiro, 5 Classificação da Ermida de Nossa Senhora do Vale como Imóvel de Interesse Público (IIP).

1966-1967 Obras de conservação no Mosteiro de Cête.



Mosteiro de Cête nos inícios do século XX.

1967 A Ermida de Nossa Senhora do Vale encontra-se em mau estado de conservação.

1972 Obras de reparação dos prejuízos causados por temporal no Mosteiro de Cête.

1979-1980 Obras de conservação na Ermida de Nossa Senhora do Vale.

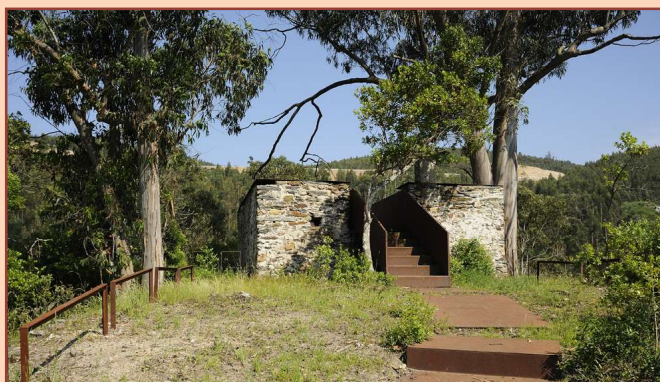
1981, julho, 18 O Presidente da República, general Ramalho Eanes, visita a igreja e os claustros do Mosteiro de Cête, no âmbito da visita ao concelho.

1992, junho, 1 Afetação da Igreja de São Pedro de Cête ao IPPAR.

1993, novembro, 30 Classificação da Torre dos Alcoforados como IIP.

1998 Integração do Mosteiro de Cête e da Ermida da Nossa Senhora do Vale na Rota do Românico do Vale do Sousa (RRVS).

2004 Integração da Torre do Castelo de Aguiar de Sousa na RRVS.



Torre do Castelo de Aguiar de Sousa.

2004-2007 Obras de conservação na Ermida de Nossa Senhora do Vale, no âmbito da RRVS.

2008 Obras de conservação e valorização na Torre do Castelo de Aguiar de Sousa, no âmbito da RRVS.

2010 Integração da Capela da Senhora da Piedade da Quintã e da Torre dos Alcoforados na RR.

2011-2013 Obras de conservação na Torre do Castelo de Aguiar de Sousa e trabalhos arqueológicos na envolvente, no âmbito da RR.

2012 Aberto processo de classificação da Capela da Senhora da Piedade da Quintã. Classificação da Torre do Castelo de Aguiar de Sousa como Monumento de Interesse Público.



Capela da Senhora da Piedade da Quintã.

2014-2015 Obras de conservação na Torre dos Alcoforados, no âmbito da RR.

2015 Obras de conservação na Capela da Senhora da Piedade da Quintã e na igreja do Mosteiro de Cête, no âmbito da RR.

2016, janeiro, 18 Inauguração da requalificação da Torre dos Alcoforados e abertura de Centro de Informação da RR no edifício anexo.



Torre dos Alcoforados e Centro de Informação da RR

Bibliografia:

ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO (2011) – *Mosteiro de São Pedro de Cête* [Em linha]. Lisboa: DGA. [Consult. nov. 2020]. Disponível em WWW: <https://digitarq.arquivos.pt>.

CÂMARA MUNICIPAL DE PAREDES – *O Concelho de Paredes: boletim cultural*. N.º 2-6 (1979-1983).

DIREÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL (2016) – SIPA: *Monumentos* [Em linha]. Sacavém: DGPC. [Consult. mai. 2020]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.gov.pt>.

MACHADO, R. C. (coord. geral); ROSAS L. (coord. cient.) (2008) – *Rota do Românico do Vale do Sousa*. Lousada: VALSOUSA.

MACHADO, R. C. (coord. geral); ROSAS L. (coord. cient.) (2014) – *Rota do Românico*. Lousada: CERT.

PINTO, J. B. (1972) – *Mosteiro de Cete: momentos da sua história*. Braga: edição do autor.

ROSAS L. (2008) – *O românico em Portugal*. In *Rota do Românico do Vale do Sousa*. Lousada: VALSOUSA.

ROSAS L. (2010) – *Arte românica em Portugal: contexto histórico-artístico*. In *Arte românica em Portugal*. Aguiar de Campoo: FSMR.

ROTÁ DO ROMÂNICO – *Rota do Românico* (2020) [Em linha]. Lousada, VALSOUSA. [Consult. nov. 2020]. Disponível em WWW: <https://www.rotadoromano.com/pt/>.